

ANDARILHO

ANDARILHO

Jangadeiro, Que peixe pescou no mar?
Que notícias trazes de lá, Do oceano teu Deus?
Fala um pouco das tempestades.
Do amor e das estórias estranhas e tristes,
Da jangada em seu último adeus,
Levando consigo sonhos velhos de pescador.
Pouco sei jangadeiro; sou andarilho,
Que na estrada espreita o mar.
Vendo a mulher que anda na areia,
Com os olhos no infinito,
A voz dela abraçando o vento,
Pedindo para você logo voltar.
As conchas e pérolas, como vêm?
Qual a emoção desses marujos,
Dos astutos lobos-do-mar,
Entoando a conhecida canção, Falando da ausência de
alguém?
Também amo, distante jangadeiro.
É um amor que se parece com o oceano.
Com olhos de verde-saudade na retina
E o canto da sereia que alucina. Igual ao mar que te
chama,

O antigo flerte todas às vezes,

prefácio

Em que as ondas arrebatam nos arrecifes,

Escrever é ter o que dizer.

Soçobrando nas rochas a esperança de quem ama.

COMUNICAÇÃO

Uso metáforas. Prosopopéias.

Recursos normais de linguagem.

Para me fazer entender,

Deturpo a palavra domesticada.

Talvez fira os axiomas e a língua pátria,

Com a ingenuidade típica Que me foi herdada.

Falo errado e até com gíria.

O sentido é vago e a idéia é vã.

Sem colóquio e dialeto definido,

Apenas frases do cotidiano.

Comunico-me pelos desenhos e hieróglifos.

Através das mensagens velhas dos alfarrábios

E que anunciam a mídia.

Digo da minha esperança,

No meu silêncio, e os olhos transportam Minha fé
para o céu.

Choro dores de sofrimento quando grito, Se ele é
contido,

Me enche de vazios.

Comunico-me em Braile,

Apalpando as construções gramaticais.

Sem pontos e vírgulas, eu não me encontro. Entendo

EXÍLIO

nas entrelinhas,

Nas distorções de xerox barata.

O que realmente importa?

Sou o poliglota que se expressa na rima, Na

Do que um grão de sonho À nossa porta,
concordância verbal.

É um pedaço de chão No fim da vida.

Fato de deus e dos homens

Com a imagem distante

Em estrofe tranqüila de poesia.

De uma lembrança entristecida.

Sei conversar em inglês, Mas o que eu quero mesmo,

Contudo seja, além de uma mágoa,

É saber de ti.

O eterno partir dos homens.

Por que não se comunica comigo?

Somente essa vez,

Gesticula.

O derradeiro adeus em delírio.

Pronuncia os pronomes possessivos.

Da alma que vagueia.

O teu, o meu, o nosso destino acredite,

Em exílio longe daqui.

É traçado nos diálogos, nas conversas sinceras, De

Urgente será o tempo,

dois bons amigos.

Em que voltarei, destituído,

De todas as coisas más que conheci.

O meu coração mais puro, íntegro e feliz.

Há muito não vejo o Sol,

Dormindo na terra genitora.

Essa de cujos braços guardo enorme saudade.

O céu lá em cima,

Sem limite para minha liberdade,

Que desde menino,

Foi terna professora.

De todos os rumos, desvios e aprumos,
O que mais me aflige, os amigos que deixei.
Subitamente dos olhos, arrancados.

Mas tenho, no entanto,
A força da esperança em desvario,
O grito aflito que ressoa pelos ares.

Vem pra mim, irmã alada.
Dê tuas asas para que possa,
À minha terra voltar, no sul do poente,
De regresso ao meu lar.